

COMPANHIA

Informativo do Centro Cultural de Brasília - nº 52 Novembro 2004 - www.ccbnet.org.br

20 de Novembro
Homenagem a Zumbi dos Palmares

Democracia racial

A persistência do Movimento Negro Brasileiro, quanto à revisão da história do negro nos livros didáticos, e a inclusão da disciplina História da África nos Ensinos Fundamental e Médio nas escolas do país, passa a ser um dos maiores avanços para vislumbrar uma verdadeira democracia racial.

Contar a história sem subterfúgios, ressaltando a importância, a coragem, a resistência de um povo e sua cultura, não só aquece a auto-estima, como também facilita a edificação da sociedade multirracial, que queremos, baseada no respeito mútuo.

No Dia Nacional da Consciência Negra, 20 de novembro, o Movimento Negro e todo o povo brasileiro comprometido com as ações de reparação e políticas públicas, que buscam o fim do racismo e ascensão dos afro-descendentes, renegados pela elite dirigente do país, homenageiam Zumbi, um dos grandes líderes do Quilombo dos Palmares, morto neste dia no ano de 1.695.

A luta do Quilombo de Palmares e dos demais quilombos existentes no território brasileiro elimina a visão de que os negros aceitavam, pacificamente, a escravidão e de que os portugueses eram senhores de escravos benevolentes. O discurso do paraíso racial não faz alusão ao movimento de resistência dos negros. Das revoltas feitas no país, envolvendo direta ou indiretamente o negro, não se teve notícias, ou foram distorcidas. Pesquisadores e militantes do movimento negro buscam o resgate da verdadeira história.

Em uma data como essa é importante lembrar momentos e fases da resistência dos negros: quando atiravam-se no oceano, deixando os porões dos navios negreiros na predileção da morte à condição de escravo; na recusa do alimento, muitas vezes, pagando com a morte, no intuito de enfraquecer o sistema produtivo colonial; na morte por envenenamento de senhores de escravos pois, os negros, tinham grande conhecimento sobre ervas tóxicas. Essas resistências foram individualizadas e, muitas vezes, desorganizadas.

A primeira organização dos negros deu-se pelos quilombos, onde existia um plano de fuga e, também, planos para libertar ou buscar mais negros nas senzalas.

O mais importante quilombo foi o de Palmares, o que resistiu quase um século. Palmares abalou a economia colonial, já que os custos com homens e armas, na tentativa de combater o Quilombo, comprometia o sistema político e econômico vigente.

O Movimento Negro no Brasil

GERIVALDO NOGUEIRA

A resistência negra sempre esteve presente em todas as ações e revoltas ocorridas no país, de forma direta ou indireta. No início do século XX, destaca-se a liderança de João Candido, na Revolta da Chibata - 1910. Nos anos 30, surge a Frente Negra Brasileira, entidade organizada em diversos estados brasileiros, de suma importância para organização da militância. Fundada em 1931, a Frente reuniu 6 mil filiados e tornou-se partido político em 1936, sendo dissolvido em 1937, após o golpe de estado promovido por Getúlio Vargas - Estado Novo.

Nos anos 40, nasce o Teatro Experimental do Negro, que trabalhava peças teatrais com atores negros, marginalizados no mercado de trabalho. Somente na década de 70, que o movimento negro ressurgiu em nível nacional. A retomada do movimento deveu-se à violência policial, desemprego, denúncias de discriminação racial, entre outras, sofridas por negros.

No final da década de 70, em 18 de junho de 1978, surge em São Paulo, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial. A primeira entidade de caráter nacional, desde a criação da Frente Negra Brasileira. Em 7 de julho de 1978, um ato público, em frente as escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, marca a primeira atividade desse movimento em que foi lida uma carta aberta à população:

“[...] Hoje estamos nas ruas, numa campanha de denúncia! Campanha contra a discriminação, contra a opressão policial, contra o desemprego, o subemprego e a marginalização. Estamos nas ruas para denunciar as péssimas condições da comunidade negra. Hoje, é um dia histórico. Um novo dia começa a surgir para o negro. Estamos saindo das salas de reuniões, das salas de conferências e estamos indo para as ruas. Um novo passo foi dado contra o racismo [...]”

A partir de então, o movimento cresceu, as entidades foram se multiplicando. De Zumbi aos dias de

hoje, as conquistas foram sofridas. Entre elas os avanços que ocorreram a partir da Constituição Brasileira de 1988, tornando o racismo um crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão nos termos da lei.

Outro marco importante para a militância do movimento negro foi o fim da máscara e do mito da democracia racial. Hoje não é só o Movimento Negro que afirma ser o Brasil um país racista, mas todas as instituições e a população civil organizada do país têm convicção deste fato.

Cobrar do Estado políticas públicas que possam ascender e dar mobilidade sócio-econômica aos afros-descendentes, assim como ações enérgicas contra os racistas, ainda são fortes bandeiras do Movimento Negro Brasileiro.

Viva Zumbi! Viva todos aqueles que lutaram e lutam com dignidade e ética por uma verdadeira democracia racial.

Gerivaldo Nogueira, professor de Geografia, Pré - Loyola, membro da ONG - Afro Nzining

Justiça restaurativa

Quando pensamos na justiça, na perspectiva da reconciliação, normalmente vem-nos à mente a reparação ou a restituição do mal praticado. Os conceitos de justiça que normalmente utilizamos são os de justiça punitiva (a que castiga) e de justiça retributiva (a que faz com que se restitua). Falta-nos a justiça restaurativa (a que faz com que o ofensor se recupere). A justiça restaurativa oferece um importante contraste com as práticas conhecidas do Direito Penal moderno, propondo formas de solução de conflitos que não estão orientadas pelo paradigma da punição. Como estamos dentro de uma cultura que, consciente ou inconscientemente, promove a violência, a justiça que mais usamos e que mais exigimos é a justiça punitiva. Queremos que a um mal respondamos com outro mal. O drama é que pensamos fazer justiça com a pena de morte e com a prisão perpétua. Na maioria das vezes, os cárceres são outro mal que atinge a sociedade.

Hoje em dia, em alguns países, começa a tomar força o conceito da justiça restaurativa. Esta é a justiça que restaura e reconstrói, repara de algum modo o prejudicado. Reconstrói as relações e assegura a promessa de um futuro melhor. Rechaça-se o pecado e a falta. Não se rechaça o pecador. A justiça restaurativa enfatiza a dignidade, tanto do ofendido como do ofensor, e se importa mais em recuperar a conexão social do que a restituição pela ofensa. A reconstrução das relações, o reforço da comunicação entre a vítima e o ofensor, o fortalecimento dos nexos comunitários tornam-se prioritários ante o castigo ou a aplicação da lei.

Os objetivos da justiça restaurativa refletem uma concepção prática da psicologia humana. Enquanto os métodos retaliativos e retributivos poderiam aumentar a raiva e o sentimento de vítima, a justiça restaurativa ou reparadora busca ajudar a vítima a sair de sua raiva e de seu sentimento de impotência. Ao mesmo tempo, trata de reintegrar o ofensor à vida da comunidade.

A justiça restaurativa já é abordagem institucional para a Justiça Juvenil, na Nova Zelândia, e vem sendo aplicada em várias partes do mundo. No Brasil e na América Latina já temos algumas iniciativas que merecem ser conhecidas e avaliadas.

Queremos ver Jesus!

MANUEL IGLESIAS

Gostei do título escolhido pela CNBB para o Projeto Nacional de Evangelização (2004-2007). Vários peregrinos gregos chegaram-se ao apóstolo Filipe com esse grande pedido. O pedido dos gregos sempre encontrou eco em mim pois, após 71 anos de batizado, quanto mais conheço Jesus mais o desejo conhecer. É que quando o conhecimento se impregna de amor torna-se insaciável. Uma das maiores alegrias de quem acredita em Jesus é ouvir alguém manifestando o desejo de vê-Lo. O nosso mundo precisa conhecer melhor Jesus.

Santo Inácio de Loyola foi um convertido que se apaixonou por Jesus e quis seguir seus passos, até geograficamente, pelos lugares em que Ele pisou. Não foi possível, mas passou a descobrir que esse seguimento acontece em qualquer lugar do mundo que a fé o torna lugar sagrado. Inácio é um exemplo de evangelizador pois, através dos Exercícios Espirituais, nos ofereceu um método pedagógico a serviço da experiência do conhecimento interno de Jesus. Esse conhecimento profun-

do nos capacita para amar-mos a Deus e o próximo.

Recentemente, um noviço fez uma pergunta ao nosso superior geral Pe. Kolvenbach, durante muitos anos missionário no Líbano:

- Como o Senhor reza?
- Com ícones.
- E como o senhor faz? Fica olhando para o ícone?
- Não, o ícone é que fica olhando para mim.

A contemplação de Jesus não consiste apenas em ver Jesus mas, também, em deixar-se ver e amar por Ele. Inácio experimentou em si e em outras pessoas que quem conhece Jesus profundamente tem que amá-Lo. Experimentou, ainda, algo que às vezes nos escapa e acaba sendo o teste da nossa fé cristã. O amor a Jesus nos compromete e nos leva ao seu seguimento. Livre, amoroso e conhecedor da cruz. Ver Jesus é se deixar arrastar por ele através dos caminhos da história. Perdendo vida para dar vida e dá-la com alegria. Sair dos próprios interesses para dar atenção aos feridos à beira dos nossos caminhos.

Tive oportunidade de participar no mês de outubro do seminário Tecendo Solidariedade, Cidadania e

Mística. Ficou claro, ali, o apelo de Deus. Ele quer uma Igreja da compaixão, da misericórdia. O mundo está precisando de samaritanos(as) capazes de se desvencilhar da cultura hiper-individualista dominante, para descobrir a alegria da gratuidade, da solidariedade e do serviço que humaniza.

Recentemente, João Paulo II publicou a Carta Apostólica *Mane nobiscum nobis* convidando-nos a viver um Ano Eucarístico: *O cristão que participa da Eucaristia - afirma o Papa - aprende dela a fazer-se promotor de comunhão, de paz, de solidariedade, em todas as circunstâncias da vida* (27). *Não podemos nos iludir: pelo amor mútuo e, em particular, pela solicitude por quem está necessitado, seremos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo* (Cf. Jo 13,35; Mt 25,31-46). *É com base neste critério que será comprovada a autenticidade de nossas celebrações eucarísticas* (28).

Como conhecer e dar a conhecer Jesus hoje? Como ir ao encontro, neste Ano Eucarístico, das tantas fomes presentes no nosso mundo?

Manuel Eduardo Iglesias S.J. CIES

Um longo caminho andado



CARLOS JAMES

Escolhi a metáfora da peregrinação como epígrafe desta comunicação, por melhor sintetizar a experiência do Seminário Tecendo Solidariedade, Cidadania e Mística, que realizamos ainda há pouco no Centro Pastoral Santa Fé, em São Paulo. Nosso sonho virou realidade, talvez até acima do que os organizadores tínhamos esperado.

Estiveram 190 participantes que se dedicaram plenamente ao evento nos quatro dias; se considerarmos alguns visitantes entre um dia e outro, foram mais de duzentas pessoas.

Para o encantamento de todos, o evento ocorreu num clima de

acolhimento, alegria, participação e abertura, em que a festa e a leveza das cirandas se harmonizaram com o enfrentamento sereno e instigante dos eixos temáticos a que o Seminário se propôs.

Fazer memória do vivido supõe sempre distanciamento, contemplação, reflexão e espírito de discernimento. Ainda é cedo para uma ponderação apropriada, adequada à riqueza do experimentado neste Seminário. As conferências muito contribuíram para fazer avançar na direção do nosso compromisso com a luta pela justiça do Reino de Deus e a serviço da fé. Esperamos, dentro em breve, tornar publicado todo esse material, como riqueza partilhada e estímulo de nossas caminhadas futuras. Enquanto isso, algumas considerações das ex-

posições feitas no Seminário são apresentadas abaixo, para adoçar a boca de nossos leitores e leitoras.

AS: política cívica

Em sua comunicação abrangendo o tema da Assistência Social como Política Pública, a serviço do direito e da cidadania dos empobrecidos, a Prof^a. Potyara Amazoneida (Serviço Social/UnB) insistia na necessidade de se partir da noção de uma democracia ampliada, para fazer valer a Assistência Social inserida no complexo das políticas sociais.

No reinado neoliberal do anti-direito, o Brasil tem um dos piores lugares dentre os demais países, segundo o PNUD, no quesito distribuição de renda. Dentre os 173 países analisados pelo PNUD, correspondente ao ano 2000, o Brasil está em 73º lugar no mundo segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Organização das Nações Unidas (ONU), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Somos a quarta pior concentração de riquezas do planeta. Em 1998, os 10% mais pobres da população brasileira dividiam 0,7% da renda, enquanto os 10% mais ricos concentravam 48% dela. São mais de 23 milhões de indigentes e quase 50 milhões de empobrecidos. A compreensão da Assistência Social, como política social, implica que seja parte dos processos coletivos de mudança social. As necessidades que reclamam e induzem a Assistência Social não são obras do destino, nem da natureza, tampouco de uma mão invisível. São necessidades históricas, construídas nas relações entre os homens e as classes sociais.

O modo como cada nação

*O caminho não é apenas a estrada por onde vamos
O caminho é essencialmente a meta para onde caminhamos
É o marco de caminhada que nos conduz
É com quem nós caminhamos
E como nós andamos.
Pensamos que percorremos o caminho
Mas é ele que nos percorre
Entra pelos nossos olhos
Passa pelo nosso corpo
Sai pelos nossos pés
O caminho é a experiência de caminhar*

C. James

enfrenta a pobreza varia de acordo com o padrão de democracia que está em vigor. Naqueles em que impera a ideologia neoliberal, a Assistência Social é residual, voluntarista, compensatória, desgarrada das políticas sociais. Reduz as necessidades dos pobres ao biológico, à condição de ter o que comer, rebaixando-os ao nível bestial. Não se levam em conta as necessidades de lazer, cultura, descanso e de convivência saudável. Num mundo neoliberal em que não há mais emprego para todos, a Assistência Social é autoritária e punitiva; invasiva da privacidade, segundo a suspeita da fraudemanía: neste quadro limitado, o assistente social vira policial, segundo a idéia de que o pobre é devedor e não sujeito de direitos. Desde os governos de José Sarney e Fernando Henrique fala-se de dívida social. Portanto o pobre é credor, é sujeito a quem se deve e temos que pagar. Mas, ao contrário, nossas práticas mais comuns de assistência têm que cobrar algo em contra-partida, fazer com que o pobre tenha que pagar, em dinheiro ou em sacrifícios, sempre de modo humilhante. Há o estigma da Assistência Social, como forma de despertar vergonha, para desencorajar a procura da Assistência.

Nos países da social-democracia, a Assistência Social se rege pela política pública, segundo a racionalidade, a ética e o civismo. É racional, porque tem como função a concretização dos direitos que estão declarados nas leis. Marcada pela seriedade dos direitos, obriga o Estado e a sociedade a se responsabilizarem pelos objetivos da nação; é ética, porque parte de valores, sobretudo o de fazer de tudo para acabar com as iniquidades.



Na cultura política brasileira, isso significa combater o clientelismo, o paternalismo, o fisiologismo. A AS é política cívica, pela sua vinculação inequívoca com os direitos sociais e na medida em que o Estado deve atender a todas as necessidades básicas do cidadão. Pois só o Estado pode garantir a realização plena dos direitos.

Mística cristã

Na sua conferência sobre a Mística Cristã do Amor Solidário, P. Carlos Palácio (CES/ISI Belo Horizonte) fez notar o quanto o conceito de mística e a sociedade, em que deve ser vivida a solidariedade, são realidades desconfiguradas pela cultura moderna atual. O desenvolvimento da tecnociência tem permitido a virada antropocêntrica, a partir da qual o ser humano se faz dono da natureza e artífice da história, segundo a secularização, a iminentização do sentido da história, o niilismo e o vazio de valores. Tampouco ajuda muito a definição dos dicionários. O conceito de mística aparece comumente associado a misticismo, com conotação pejorativa.

Na tradição cristã, a mística tem como referência a religião grega dos mistérios. Para o apóstolo Paulo, o mistério é o desígnio de Deus tal como se revela em Jesus Cristo. Para a Igreja do século III, a mística cristã consiste no Batismo e na Eucaristia e os místicos são os iniciados na vida de fé cristã. Na antiguidade, a mística era um sentido adjetivado da experiência: fala-se de experiência mística. Na modernidade ocorre o deslocamento de sentido, da

adjetivação para a substantivação: o fenômeno místico nele mesmo, que pode ser observado pelas ciências humanas e sociais. O sujeito da experiência, por sua vez, deixa de ter referência à transcendência de Deus, promovendo uma religiosidade difusa. Na hegemonia do individualismo, o indivíduo moderno está constituído sem relações de dependência com os demais e com Deus. Quem se responsabiliza pelo outro, pela natureza e pela história?

As sociedades individualistas são dominadas por forças impessoais: a racionalidade científica, a tecnologia, a burocracia de Estado e o mercado. Não é uma sociedade comum: não há laços nem interesses comuns, porque não é solidária, não há abertura para os outros, mas exclui e segrega. A exclusão social afeta o conjunto da sociedade. Os ricos também se excluem, segundo a lógica do medo da violência, nos condomínios fechados. As identidades tornam-se migratórias, vulneráveis e manipuláveis. São identidades narcíseas, sempre recorrentes aos direitos dos indivíduos. Na sociedade fragmentada, individualista e de mercado neoliberal, o problema social não existe. Como então entender a inclusão social sem uma outra sociedade?

A mística cristã verdadeira implica que o cristianismo tenha uma alternativa antropológica a essa situação dada. Na experiência dos místicos cristãos, havia uma inflexão psicológica, mas para cuidar criteriosamente da experiência do Deus transcendente, da experiência de ser afetado pelo grande Outro. Nas experiências de Santa Tereza de



Jesus, de Santo Inácio e de Lutero há sempre a questão sobre qual o fruto que a experiência de Deus traz para mim. Na de Inácio de Loyola, o projeto do sujeito é o de ser livre, descentrado de si mesmo. O sujeito só se auto-compreende identificado com o outro. Não posso pensar Deus sem o humano; nem o humano sem Deus. A realidade está constituída segundo o amor de Deus e por esse amor, essencialmente relacional, que define o que é o humano e qual a sua responsabilidade na relação com os outros.

A essência da experiência mística cristã do amor solidário é o eis-me aqui de Jesus Cristo, para fazer a vontade de Deus. Em Jesus Cristo está a solidariedade do amor de Deus para conosco e a forma com que o ser humano responde ao amor de Deus. Eis-me aqui é ser disponível. A vida de Jesus seria incompreensível sem a relação filial com Deus-Pai, a qual o constitui como irmão de todos: eis-me aqui com meus irmãos! Só podemos ser filhos, sendo irmãos com os outros e para os outros. A solidariedade não é mera compaixão. É essencialmente dom de si, a maneira de realizar-se e ser-com. Contradiz a maneira moderna de ser, na medida em que a vida faz sentido enquanto resposta ao amor solidário de Deus. É Deus

quem humaniza o que foi desumanizado, dá vida onde não há vida.

É preciso colocar o dedo na chaga da modernidade: a sua incapacidade de compreender o ser humano a partir do dom de si. O déficit de humanidade corresponde à tirania do eu, que só faz empobrecer. A sociedade que não integra o diferente só pode ser totalitária, tirânica. Daí o desafio para todos os cristãos de viver a experiência cristã na sua radicalidade, segundo o ver, aproximar-se, comprometer-se do bom-samaritano. O modo de viver de Jesus é uma interpelação do humano. Aí aparece nitidamente o que somos, a vida humana como eco do grande amor de Deus.

Só o poder cria o poder

Para o ex-deputado federal Plínio Arruda Sampaio (Jornal Cidadania), falar de direitos é falar dos bens e valores que são garantidos pelo Estado aos cidadãos. Entretanto existe uma instância que supera o direito do Estado, que é a dos Direitos Humanos. A pessoa humana, filho/filha de Deus, tem direitos onde quer que esteja. O direito tem a ver com a ação, pode ser pública ou privada. Não é à toa que há tensão entre Sociedade Civil e Estado. A primeira corresponde às sociedades e associações que não estão ligadas ao Estado e que desenvolvem uma ação pública, para influenciar o Estado.

O mote a luta faz a lei deve ser completado com e cria o direito. A luta faz a lei na margem da legalidade e da institucionalidade, do que o



TECENDO SOLIDARIEDADE, CIDADANIA E MÍSTICA

Estado permite ou não que seja feito. A institucionalidade condiciona a vida de todos os cidadãos. Há, todavia, uma institucionalidade perversa, anti-humana, injusta. Não podemos esquecer que o direito de definir novos direitos se baseia na justiça e a justiça vem de Deus.

O movimento dos Sem Terra mudou a jurisprudência. As ocupações de terra foram inicialmente penalizadas como crime de "esbulho possessório" e "formação de quadrilha". Posteriormente, essa forma de penalização passou a ser negada em outras sentenças de juízes que entenderam que a luta pela terra era um direito. O recurso constitucional da iniciativa popular de lei é um outro exemplo de como o povo pode exigir do Estado a aprovação de uma lei, embora ainda falte a sua regulamentação.

É preciso lutar contra as injustiças, mas há sempre um preço para o que está para ser conquistado. Essa luta ficou muito difícil, nossas mágicas não deram certo. Temos uma razão para perseverar na luta num momento difícil, a nossa esperança em Nosso Senhor Jesus Cristo. Estamos numa hora de esperança e não de expectativas; momento de esperar contra toda esperança. Estamos num momento de combater um inimigo difuso, mas poderoso. Lembremos que só o poder cria o poder. É preciso criar poder no povo. Criar consciência da realidade e do mundo em que vivemos, segundo a cultura da organização. O nosso testemunho é que ajuda a mudar. Prossiguimos tendo em conta que a virtude da política é a prudência, sem jamais abrir mão de nossos princípios e valores.

Momento de transformações

Para o conferencista do Instituto Humanitas, e professor da UNISINOS, P. Inácio Neutzling, vivemos um momento de transição, de mudanças profundas e de grandes transformações, uma verdadeira crise civilizacional. Nosso grande mal-estar não é por acaso e o tempo é de discernimento, de auscultar a realidade, para nos perguntarmos sobre qual a vontade de Deus para os dias de hoje.

Vivemos um período de mutação, de grandes transformações sócio-econômicas e ético-culturais. A revolução tecnológica em curso não é uma grande mudança só nos meios técnicos. A descoberta de novos meios tecnológicos provoca mudanças essenciais de tal grandeza, que de modo algum pode ser considerada apenas como uma mudança dos meios. Ela implica uma nova compreensão do ser humano, pela virada antropocêntrica, segundo

uma outra inter-relacionalidade, muito distinta da Revolução Industrial anterior.

A Revolução Industrial é a invenção da fábrica, da reunião dos novos meios técnicos, pela criação do trabalho-emprego. O trabalho se reduz ao emprego assalariado. É pela fábrica que os direitos são instituídos e por onde se articulam os sujeitos sociais para garantir emprego, jornada de trabalho de 8 horas, saúde, seguridade social. O pressuposto dessa cidadania, segundo o modelo da fábrica, era de que todas as pessoas poderiam vir a ter emprego. Todos acreditavam na utopia possível do pleno emprego. Para isso, a pessoa precisava ser disciplinada (M. Foucault). A sociedade do trabalho é a que disciplina os corpos e a vida das pessoas, pela educação nas escolas, pelos orfanatos, hospitais, manicômios etc. Todos podem ter

riqueza produzida e acumulada. É necessário tecer solidariedade no novo paradigma da abundância.

Arte nova de viver

Há uma mutação ético-social. Vivemos um momento de uma hiper-modernidade, marcada por um hiper-individualismo, por um hiper-consumismo e por um hiper-narcisismo. Nossas razões comuns de viver em sociedade estão em crise. Como então pensar a política e as políticas públicas, numa sociedade que sofre mutação ético-cultural e sócio-econômica? Não por acaso, sofremos uma des-utopização da política. Há uma causa mais profunda diante desse caldo cultural de se fazer política hoje. Edgar Morin considera esse momento civilizacional como o de um grande Titanic. Essa civilização não tem saúde para ir muito além. É irracional, mete-se num beco sem

encarnação. Como no DNA, existe uma dupla hélice da civilização: a do lucro e da destruição, potencializados pela tecnociência; e a das grandes religiões da humanidade e a religião da compaixão. Como então fazer trabalhar essa segunda hélice, para civilizar a barbárie em que vivemos hoje? Quais são as alternativas que os nossos trabalhos apontam? São dois critérios que precisam ser levados em conta: o da eficiência de nosso serviço aos empobrecidos, aos sedentos, aos nus, segundo a especificidade do trabalho cristão, de construir alternativas viáveis; e o critério da gratuidade, de tudo banhar com a gratuidade.

Necessitamos de uma nova produção da subjetividade e da pessoa humana, para recriar relações de fraternidade com os semelhantes, com a natureza e com o cosmos. Necessitamos de uma nova maneira de viver. Afinal, que arte nova de viver nós testemunhamos (arte tem a ver com tecer)? Como viver de uma maneira nova e ser feliz? Para salvar a humanidade e civilizar a Terra, precisamos superar a relação simplista de causa/efeito, por uma nova maneira de compreender o nosso trabalho social, segundo a mudança de paradigma. Ver que os nós e as redes são, ao mesmo tempo, causa e efeito, implicando uma ecologia da ação.

Quanto à Igreja, há o chamado para que se espelhe em Jesus e em Deus, segundo o espírito de esvaziamento (kenosis, cf. Fil.2,5-11) de si, para estar presente nas brechas do mundo, sem qualquer prepotência. Eis o desafio de a Igreja fazer as contas com essas mudanças, para auscultar o que o Espírito fala também fora da Igreja, pelas outras tradições religiosas, na perspectiva do diálogo ecumênico e inter-religioso. Tudo para sermos amigos dos mais feridos e humilhados pela cultura hiper-individualista.

Como se pode depreender do que foi exposto acima, o evento como um todo foi um passo importante na consolidação do Setor do Apostolado Social na nossa Província Brasil Centro-Leste, dialogando com os demais setores; outros passos precisarão ser dados na mesma direção. O que importa é que a experiência dessa caminhada tornou-se iluminadora, irradiando muita esperança para todos que dela tomaram parte.

Pe. Carlos James, SJ,
da coordenação do seminário



trabalho se são disciplinados, pela subordinação e exploração da força de trabalho. A maior parte de nossas lutas sociais ainda está ligada a esse paradigma muito próprio da Revolução Industrial.

A Revolução Tecnológica, baseada nas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Causa uma mutação social, econômica e ético-cultural. Não há mais trabalho assalariado para todas as pessoas. Não há mais o princípio da escassez, que norteava o paradigma anterior, da Revolução Industrial. Todas as religiões também se baseiam no princípio da escassez. Pois bem, o princípio que rege a Revolução Tecnológica é o da abundância. Existe grande abundância de riquezas. Outra coisa é o problema da distribuição material da

saídas. A emergência dos novos movimentos sociais leva a auscultar o grito da Terra (Leonardo Boff), os clamores da Terra: os humanos estão loucos!

A Terra traz em seu DNA a experiência de 4,5 bilhões de anos de existência. O ser humano, como lembra F. Kapra, emergiu nos últimos segundos na escala de semanas da evolução (comparativamente, na sua pouca história de 2 milhões de anos, no máximo). O cristianismo ajudou a construir essa imagem antropocêntrica do humano no mundo. Por isso nos fazemos sempre o questionamento sobre qual a nossa imagem de Deus, quem é Deus, quem é o Deus que Jesus nos revela? Em Jesus, Deus é o Deus da compaixão.

A compaixão de Deus é que Deus se torna próximo de nós pela

I Secult



Com entrada franca a I Semana Cultural de Pré-Loyola promete muitas atividades em seu lançamento. Neste ano de estréia, o tema será a América Latina. Durante uma semana de eventos haverá palestras, apresentações culturais, recitais, oficinas - como a de mandacaru -, além do cine-fórum "Solidariedade e Palavra", com filmes especiais. Veja a programação:

Segunda-feira, 22/11, às 20h, "Uma onda no ar", do diretor Helvécio Raton, ganhou dois Kikitos de Ouro, no Festival de Gramado, nas categorias: Prêmio Especial do Júri e Melhor Ator (Alexandre Moreno). O filme fala da rádio que surgiu nos anos 80, em uma grande favela de Belo Horizonte. Criada por quatro jovens amigos, o sucesso da rádio comunitária repercutiu fora da favela, trazendo também inimigos para o grupo.

Terça-feira, 23/11, às 20h, "Central do Brasil", de Walter Salles. O filme conta a história de uma mulher (Fernanda Montenegro) que escreve cartas para analfabetos na estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro e ajuda um menino (Vinícius de Oliveira), após sua mãe ser atropelada, a tentar encontrar o pai que nunca conheceu, no interior do Nordeste. Recebeu duas indicações ao Oscar.

Quarta-feira, 24/11, às 20h, "A Casa dos Espíritos", do diretor Billie August. A história do Chile da década de 20 aos anos 70 é contada através da saga da família Trueba, que começa com a união de um homem simples (Jeremy Irons), que fica rico, com uma jovem (Meryl Streep) de poderes paranormais.

Cine-fórum e recital

Com o tema "Solidariedade e Palavra", o cine-fórum deste mês apresenta "O Carteiro e o Poeta", do diretor Michael Radford, com Massimo Troisi, Philippe Noiret, Maria Grazia Cucinotta entre outros. Sinopse: Numa remota ilha do Mediterrâneo, um carteiro recebe a ajuda do poeta Pablo Neruda a fim de conquistar o amor de sua vida. Filme vencedor do Oscar de Melhor Trilha Sonora. **Um recital de música e poesia será apresentado nesta mesma noite, às 19h e, em seguida, às 20h, a exibição do filme. Dia 30/11.**

Teatro para crianças e adultos



A atriz Glória Rabelo, que começou sua carreira em Brasília, dirige dois espetáculos que serão apresentados no CCB: um para crianças e um monólogo para adultos:

"Histórias que eu não inventei", monólogo interpretado por Glória Rabelo, com direção de Gê Martú. Censura livre. Ingressos: R\$ 20,00 e R\$ 10,00 (meia, Clube Vip e doadores de 1 kg de alimento). **Dias 19, 20/11, às 21h e 21/11, às 20h.**

"Ciranda da Infância" é uma fábula contemporânea com texto de Glória Rabelo, Nano Ville e Vânia Maia. Censura Livre. Ingressos: R\$ 10,00 e R\$ 5,00 (meia, Clube Vip, e doadores de 1kg de alimento). **Dias 20 e 21/11, às 17h.**

SomCatado

O Som está em tudo... Foi com este pensamento que, em 1999, os percussionistas Cezar Borgatto e Fred Magalhães iniciaram um trabalho de pesquisa e criação musical. Inspirados pela imensa riqueza rítmica, presente na cultura brasileira e, instigados à ruptura com o tradicionalismo musical, começaram a fazer suas composições - uma fusão de som e movimento.

As apresentações do "SomCatado" são formadas por esquetes performáticas que abordam diversos ritmos. Toda a cena é reforçada pelo figurino elaborado para cada momento do show. A música e as artes cênicas completam o espetáculo de ritmos e imagens marcantes. Ingressos: R\$ 10,00 e 1 Kg de alimento não-perecível. Toda renda será revertida ao projeto de educação popular gratuito Pré-Loyola, do CCB. **Sábado, 06/11, às 21h.**

Raíces Flamencas

Relação e influência dos elementos árabes na música e dança flamenco. Este é o tema do espetáculo "Raíces Flamencas" com o guitarrista flamenco El Surrani, a bailarina Sarah La Kali e a atriz e dançarina Nara Faria (dança do ventre). Sarah apresenta-se sempre acompanhada de seu pai, El Surrani, considerado como o maior responsável pelo crescimento do flamenco no Brasil. Ela participou do XIII e XIV Seminário Internacional de Dança de Brasília, sendo escolhida como melhor aluna de dança flamenco, recebendo uma bolsa de estudos de um ano em Madrid. Nara Faria é formada em Licenciatura em Artes Cênicas pela UnB. Com ousadia, vem mesclando músicas brasileiras e malabarismo com fogo em sua dança. O evento terá, ainda, a participação dos músicos espanhóis Emilio Heredia Vargas e José Heredia. Ingressos: R\$ 14,00 e R\$ 7,00 (a meia). **Dia 07/11, às 20h30.**



Retiro

Orientado pelo Pe. Christophe Six SJ, assistente do Mestre de Novíços, noviciado de Campinas. O retiro se destina aos que já fizeram os Exercícios Espirituais de Santo Inácio e querem aprofundar a experiência. Será preservado o silêncio durante os dias de retiro, inclusive, nos intervalos e refeições. Taxa: R\$ 100,00 (com hospedagem) e R\$ 65,00 (sem hospedagem). Mais informações pelo telefone: 426-0435.

Dias: 26, 27 e 28/11.

Oração Inaciana

Encontro aberto ao público. Venha conhecer.

Toda quarta-feira, às 20h.

Estudo dos Exercícios Espirituais

Para aprofundamento dos que já fizeram os Exercícios Espirituais de Santo Inácio.

Dia 27/11, de 8h30 às 12h30.

Manhã de Oração

Com o Pe. Victoriano Baquero, encontro mensal sempre aos terceiros domingos do mês. Levar a Bíblia e lanche para partilha.

Dia 21/11, de 9h às 12h.

Floreio

A pedagoga Ana Paula Ferreira Mendes estréia como pintora na exposição "Floreio" - uma homenagem à estação das flores. Ana Paula descobriu a pintura durante um workshop da artista plástica Rosana Cruz. Atualmente, realiza seus trabalhos orientada e incentivada por sua mestra. Seus quadros estarão expostos no hall do CCB. A abertura da exposição será no **dia 10/11, às 20h. De 10/11 a 25/11.**

COMPANHIA



Informativo do Centro
Cultural de Brasília - CCB
L-2 Norte 601 "B" 70830-010
Brasília-DF
Tel: (61) 426 0400
E-mail:redacompanhia@hotmail.com

Coord. do setor:
Pe. Carlos James dos Santos

Editora:
Ana Soares
(jornalista responsável)

Capa:
Quadro "Zumbi", da
pintora Michèle Doyle,
pseudônimo "Cigana"

Diagramação e arte:
KbaWeb Comunicação
Impressão:
PaxPrint
356-2141
Tiragem:
1.500 exemplares